

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 11/12/2020.

PÂMELA TORRES MICHELETTE

**EDUCAÇÃO E CULTURA NO REINO VISIGODO:
O ideal de educação em Isidoro de Sevilha**

ASSIS

2018

PÂMELA TORRES MICHELETTE

**EDUCAÇÃO E CULTURA NO REINO VISIGODO:
O ideal de educação em Isidoro de Sevilha**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista - para a obtenção do título de Doutor em História (área de conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho

Bolsista: CNPq

ASSIS

2018

M623e	<p>Michelette, Pamela Torres</p> <p>Educação e cultura no reino visigodo : o ideal de educação em Isidoro de Sevilha / Pamela Torres Michelette. -- Assis, 2018</p> <p>247 p.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis</p> <p>Orientador: Ruy de Oliveria Andrade Filho</p> <p>1. História eclesiástica Idade Média, 600-1500. 2. Reino Visigodo. 3. Isidoro de Sevilha. 4. História da Educação. 5. Episcopado. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: EDUCAÇÃO E CULTURA NO REINO VISIGODO: Um projeto de poder do bispo Isidoro de Sevilha (589-636)

AUTORA: PAMELA TORRES MICHELETTE

ORIENTADOR: RUY DE OLIVEIRA ANDRADE FILHO



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Ruy de Oliveira Andrade Filho

Prof. Dr. RUY DE OLIVEIRA ANDRADE FILHO
Depto de História / UNESP/Assis

Milton Carlos Costa

Prof. Dr. MILTON CARLOS COSTA
Depto. de História / UNESP/Assis

Germano Miguel Fávares Esteves

Prof. Dr. GERMANO MIGUEL FÁVARO ESTEVES
Depto. de História / UNESP/Assis

Terezinha Oliveira

Profa. Dra. TEREZINHA OLIVEIRA
UEM / Maringá

Ana Paula Tavares Magalhães

Profª Drª ANA PAULA TAVARES MAGALHÃES
USP / São Paulo

Assis, 11 de dezembro de 2018

Dedico esta tese à força superior que rege o Universo, aos meus pais, Alene F. Torres Michelette e José Michelette, e ao meu pequeno que dá sentido a tudo, Gregório Michelette Charrone, os principais companheiros desta caminhada.

Ensinar não é uma atividade como as outras. Poucas profissões serão causa de riscos tão graves como os que os maus professores fazem correr aos alunos que lhes são confiados. Poucas profissões supõem tantas virtudes, dedicação e, acima de tudo, talvez entusiasmo e desinteresse. Só uma política inspirada pela preocupação de atrair e de promover os melhores, esses homens e mulheres de qualidade que todos os sistemas de educação sempre celebraram, poderá fazer do ofício de educar a juventude o que ele deveria ser: o primeiro de todos os ofícios.

Pierre Bourdieu

AGRADECIMENTOS

Esta tese, posso considerar um dos grandes desafios, até agora, da minha trajetória de vida profissional e pessoal. Profissional porque ela veio após o meu ingresso na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e no campo pessoal por descobrir, logo nos primeiros meses da pesquisa, que estava grávida do Gregório, ou como carinhosamente o chamamos, Greg ou Grego, além é claro de outros tantos desafios e problemas que a vida nos traz ao longo de quatro anos.

Terminar este doutorado é fechar um ciclo muito importante na minha vida, porque é fruto de muito esforço que vem desde o empenho para ingressar em uma universidade pública e depois dar continuidade a esse projeto na pós-graduação com o mestrado e agora o doutoramento. Não considero essa tese uma aquisição apenas da minha parte, pois pude contar com uma série de pessoas que passaram por minha vida ao longo desses anos, mas especialmente o apoio daqueles que sempre estiveram ao meu lado, os meus familiares, principalmente aqueles que me colocaram no mundo, meus pais, que foram fundamentais nessa caminhada, se não fosse por eles, eu não teria chegado aonde cheguei, esta conquista também é deles.

Ao refletir sobre o que percorri até aqui, não posso deixar de lado os anos da graduação e mestrado, que também tive o prazer de serem no mesmo lugar em que estou defendendo esta tese, a UNESP/Assis. Espaço esse em que tive o prazer de fazer amizades que já duram mais de uma década, de conhecer o pai do meu filho, fora as experiências que levarei até o final da minha vida. Durante esse tempo de “estadia” na UNESP/Assis, percebi que as boas amizades e o carinho dos mais íntimos são as maiores contribuições e o maior estímulo para prosseguir pelos laboriosos e árduos caminhos do trabalho acadêmico e, justamente, por isso, gostaria de registrar aqui os meus sinceros e profundos agradecimentos a todos que, de alguma maneira, me acompanharam e contribuíram nesta jornada.

Quero agradecer ao meu orientador, o Prof. Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho, que, desde a graduação, tem ofertado sua amizade, incentivo e confiança e por ajudar a realizar o sonho de me tornar agora uma doutora; aos Drs. Ana Paula Tavares Magalhães e Milton Carlos Costa, tanto pela leitura dos capítulos iniciais para o exame de qualificação, cujas sugestões e apoio foram muito importantes para a finalização deste trabalho, como por aceitarem prontamente participar da banca e pela fértil arguição.

Aos funcionários do Departamento de História e de Pós-Graduação, pelo apoio e suporte à pesquisa. Aos professores do Departamento de História, pelo incentivo ao ensino, bem como à Universidade Federal do Piauí, especialmente, pela licença a mim concedida durante os anos de 2016-2018, afastamento que considero crucial para o término deste trabalho.

A todos os meus amigos que estiveram comigo neste percurso: Maraísa Lopes, Fernando Muratori, Gerlane Muratori, Luanna Chácara Pires, Aurélio Soncin, Danilo Bezerra, Álvaro Silva, Priscila Ferraris, Áurea Mecabo, Germano Esteves, Lígia Carvalho. Meu “muito obrigada”. Mas, de modo especial, a Ellen Maziero, com quem pude dividir dúvidas e alegrias ao longo destes anos. E, ao João Paulo Charrone, que, teve fundamental participação e colaboração nesta pesquisa, obrigada pelas leituras e sugestões ao texto. Aos meus companheiros do NEAM, em particular, Raquel Parmegiani, por estarem sempre presentes em muitos momentos importantes e por nossas aventuras dentro e fora da UNESP/Assis.

E aos professores Rodrigo dos Santos Rainha, Leila Rodrigues Silva e Terezinha Oliveira, não apenas pela inspiração de estudarem educação na Idade Média, mas pelas contribuições intelectuais.

Agradeço aos meus familiares, em geral, pelos alegres e fundamentais momentos de evasão do ambiente acadêmico, em especial, as minhas queridas e amadas tias, Gilvania Silva e Sandra Silva, pelos conselhos, apoio e carinho. Aos meus avôs *in memoriam* e as minhas avós, Ceres Silva e Catarina Michelette, em especial à última que, apesar de não ter aprendido a ler e escrever, criou com muita sabedoria seus filhos, netos e bisnetos. Sobretudo, aos meus pais, José e Alene, e a minha amada irmã, Paloma Michelette, pelo estímulo, amor e apoio incondicional em todos os momentos e etapas da minha vida. E ao meu filho, Gregório, que esteve comigo em boa parte deste doutorado, ele cresceu junto com ela dentro do meu ventre e depois pelas primeiras fases da sua infância. Obrigada, filho, por estar junto de mim em todos esses momentos, por fazer parte desta conquista e pela pouca atenção que lhe dediquei, até agora, em prol da pesquisa.

Para encerrar, gostaria de reconhecer a importância fundamental do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que por um ano me concedeu apoio financeiro, fundamental para a finalização da mesma.

MICHELETTE, Pâmela Torres. **EDUCAÇÃO E CULTURA NO REINO VISIGODO UM PROJETO DE PODER DO BISPO ISIDORO DE SEVILHA (589-636)**. 2018. 247 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

RESUMO

Essa tese analisa o projeto de poder do bispo Isidoro de Sevilha (601-636) no reino visigodo pós-conversão ao catolicismo niceíta (589) a partir dos campos educacional e cultural. Para tal, usaremos como fonte o material episcopal, especialmente os concílios visigóticos, e os escritos de Isidoro de Sevilha, com destaque especial para as obras *Etimologias*, *Regula* e *Sentenças*. Aqui entendemos, portanto, que os ambientes escolares são um *locus* de poder, que ultrapassa a questão educacional. Nesse sentido, a Igreja, monopolizadora dos bens simbólicos desse campo, terá mais um elemento de reforço de seu capital de autoridade, ainda mais se considerarmos que o período em questão do trabalho (589-636) se dá logo após a consolidação dessa instituição no reino visigodo.

Palavras-chave: Reino Visigodo, Igreja, Educação, Isidoro de Sevilha, Cultura.

MICHELETTE, Pâmela Torres. **EDUCATION AND CULTURE IN THE VISIGOTHIC KINGDOM THE IDEAL OF EDUCATION IN ISIDORE OF SEVILLE**. 2018. 247 f. Doctoral thesis (Doctorate in History) - Faculty of Sciences and Letters, São Paulo State University "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2018.

ABSTRACT

This thesis analyzes the project of power of Bishop Isidoro of Seville (601-636) in the Visigothic Kingdom after conversion to Nicea Catholicism (589) from the educational and cultural fields. To this end, we will use as a source the episcopal material, especially the Visigothic councils, and the writings of Isidore of Seville, with special emphasis on the works *Etymologies*, *Regulations* and *Sentences*. Here we understand, therefore, that school environments are a locus of power, which goes beyond the educational question. In this sense, the church, which monopolizes the symbolic goods of this field, will have one more element of reinforcement of its capital of authority, especially if we consider that the period in question (589-636) occurs soon after the consolidation of this institution in the Visigothic Kingdom.

Key words: Visigothic Kingdom, church, Education, Isidore of Seville, Culture.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BJ	Bíblia de Jerusalém
CVHR	ConcÍlios VisigÓticos e Hispano-Romanos
DVI	<i>De Viris Illustribus</i>
ETI	Etimologias
ID	<i>Institutionum Disciplinae</i>
RB	<i>Regula Bento</i>
RI	<i>Regula Isidori</i>
RL	<i>Regula Leandro</i>
SEN	Sentenças

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A construção teórica e os primórdios da educação cristã entre a Antiguidade e o Alto Medieval	23
1.1 - Abordagem teórica e metodológica	23
1.2 – Campo educacional na passagem da Antiguidade à Alta Idade Média	34
1.3 - Avanços e descobertas que favoreceram a educação no medievo.....	46
1.4 - O monaquismo e a educação na Alta Idade Média	54
CAPÍTULO 2 – O reino visigodo e Isidoro de Sevilha: um projeto de educação que se fortalece	63
2.1 - Panorama histórico do reino visigodo (séculos VI-VII).....	63
2.2 – A aristocracia	73
2.3 – A Igreja e a conversão do reino	76
2.4 - O IV Concílio de Toledo e uma reavaliação da educação no reino	92
2.5 - Isidoro de Sevilha: sua trajetória e formação	96
CAPÍTULO 3 - A Educação na Hispânia Visigoda	109
3.1 – Uma perspectiva sobre o ensino na Hispânia	109
3.2 - O idoso no contexto educacional.....	117
3.3 – As escolas episcopais.....	121
3.4 – As escolas monásticas.....	133
3.5 – As escolas paroquiais.....	138
3.6 - A formação educacional da aristocracia.....	140
3.6.1 - A educação da mulher	145
CAPÍTULO 4 – Isidoro de Sevilha e seu projeto de educação para o reino visigodo	149
4.1 - As <i>Etimologias</i>	155
4.1.1 – Livro I: Sobre a gramática	163
4.1.2 – Livro II: Sobre a retórica e a dialética	167
4.1.3 – Livro III: Sobre a matemática	172
4.1.4 – Outros saberes.....	176
CAPÍTULO 5 – Um projeto de educação na <i>Regula</i> e nas <i>Sentenças</i>	184
5.1. - A <i>Regula</i> de Isidoro de Sevilha	184
5.2 – As <i>Sentenças</i>	203

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	234

INTRODUÇÃO

A seleção de significados que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária, na medida em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando unidas – por nenhuma espécie de relação interna – à natureza das coisas ou à natureza humana (BOURDIEU; PASSERON, 1970, p. 22).

Gostaria de começar essa introdução fazendo uma reflexão sobre parte da trajetória a que meus estudos sobre a Idade Média me levaram. Em grande medida a trajetória se aproxima da de outro colega da área, que, inclusive, colaborou muito para esta pesquisa:

Todo medievalista brasileiro aprende a conviver com a seguinte questão, frequentemente formulada por colegas historiadores: “Qual é o sentido de estudar história medieval no Brasil?”. O impacto de tal questão – repetida *ad infinitum* – não pode ser reduzido. Nós, medievalistas, tentamos responder de formas variadas: organizamos congressos, escrevemos artigos, participamos de mesas-redondas e, insistentemente, provocamos nossos alunos para que reflitam sobre as possíveis respostas. Essas respostas, por sua vez, são muitas e extremamente variadas – das mais conservadoras às mais progressistas. Defendemos ferrenhamente nosso direito de contribuir com a história medieval desde os trópicos. Contudo, raras vezes consideramos qual é a natureza específica de nossa contribuição ou porque deveríamos contribuir, mesmo que possamos fazê-lo (PACHÁ, 2015, p. 20).

Para além das questões compartilhadas acima, temos que ressaltar que o tema que escolhemos não é um dos mais caros ao próprio âmbito medieval, afinal, a educação, quando comparada a outras temáticas, não ocupa o mesmo espaço historiográfico, editorial etc. que tantos outros temas. Também temos que considerar que, quando restringimos o estudo ao âmbito educacional da Alta Idade Média, a saliência se torna ainda menor.

Nosso interesse por estudar tal questão se deu quando, ainda no mestrado, tivemos oportunidade de ler um livro voltado para a educação na Hispânia visigoda, de autoria do professor Rodrigo Rainha, *A educação no Reino Visigodo – as relações de poder e o epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631-651)*. Vale lembrar que Bráulio de Saragoça

foi discípulo de Isidoro de Sevilha, personalidade de destaque da minha dissertação de mestrado e uma das principais figuras desta tese doutoral.

Desse modo, o contato com tal livro despertou-nos o interesse, ao mesmo tempo em que nos vislumbrou as possibilidades de podermos nos aprofundar no estudo sobre Isidoro de Sevilha, além das possibilidades de observá-lo sob outras perspectivas.

Cabe a nós trazermos à tona uma ponderação relacionada à educação feita pelo pesquisador Ruy Nunes com relação ao pensamento de uma grande figura na área, Durkheim:

A escola no início da Idade Média, afirma Durkheim, constitui grande e influente novidade que se distingue da antiga por traços nitidamente recortados. Sem dúvida, ela herdou da civilização pagã a matéria do ensino que foi, por sua vez, elaborada de modo todo novo com resultados nunca vistos. Mas – e aí está a mais forte e original declaração de Durkheim – *c'est à ce moment que l'École au sens propre du mot, apparut*, foi nesse momento, no começo da Idade Média, que a Escola, no sentido próprio da palavra, apareceu, pois a Antiguidade teve mestres, mas não teve verdadeiras escolas, já que “a escola não é apenas o lugar onde um professor ensina, mas é um ser moral e impregnado de certas ideias, de certos sentimentos, um meio que envolve tanto o mestre quanto os alunos. Por isso, a Idade Média em pedagogia foi inovadora” (NUNES, 1979, p. 169).

Não podemos deixar de destacar aqui o papel da Igreja cristã, uma vez que ela foi a única instituição que atravessou todo o período de transição da Antiguidade para a Idade Média. Tal instituição foi o veículo que transmitiu uma parte das reservas culturais do período antigo, salvando-as da catástrofe e levando-as até a Idade Média. Dessa maneira, o clero impulsionou fundamentalmente o fenômeno de latinização nos séculos IV e V que foi o embrião das línguas neolatinas, fio condutor que fez possível também a transmissão de elementos culturais da Antiguidade clássica até a Baixa Idade Média. Além disso, a organização eclesiástica foi tão importante em dado momento, desempenhando uma função para corrigir a ausência total dos aparatos do Estado. Por tudo isso, sublinhamos que essa entidade não influenciou somente a ordem ideológica, mas, de certo modo, o administrativo. A importância da Igreja, como respaldo do poder estatal, foi captada pelo grupo dirigente visigodo, e a conversão do rei Recaredo (589) cobra nesse sentido toda a sua significação (SAYAS ABENGOCHEA; GARCIA MORENO, 1982, p. 15).

Assim, o papel que a Igreja exerceu na Alta Idade Média no que tange a sua sobrevivência, fortalecimento e conversões:

Ressalta-se, assim, a complexidade do processo de implantação do cristianismo na civilização ocidental da Alta Idade Média – a conversão

cristã – caracterizado pelas sínteses, pelas adaptações e influências recíprocas entre tradições culturais diversas. E, como costumam ser as sínteses, sujeita a determinantes vários, a condicionamentos espaço-temporais que são menos a negação do caráter de religião universal proclamado pelo cristianismo do que uma das manifestações deste seu anseio de realização. A Igreja Católica mostra-se disposta a tudo englobar, rejeitando limites geográficos, étnicos ou classistas em prol da afirmação de sua propalada condição de intérprete dos desígnios de Deus único, de gestora da totalidade de Sua imensa obra de criação. Porém, entre o anseio e a realização, entre um suposto destino divino inscrito nas origens e sua efetiva realização histórica, inscrevem-se os vários desníveis, os fluxos e influxos para os quais deve voltar-se a lente do investigador (BASTOS, 2013, p. 113).

Portanto, quando lidamos com a cultura cristã, mais especificadamente com o ensino clerical, realizada na Idade Média, não podemos esquecer que estamos tratando com um poderoso trabalho social de legitimação da cultura da classe dominante que resultou na reprodução de uma cultura “legítima”, haja vista que era legitimada pelos agentes sociais – cuja origem ficou esquecida num processo dito de “amnésia de gênese”.

Desse modo, concordamos novamente com Mário Bastos (2007, p. 15), quando ele afirma que o cristianismo para as sociedades medievais não se caracterizou como fruto de uma preferência isenta de sua consciência pessoal. Nesse sentido, Bastos, fazendo uso das palavras de Jean-Claude Schmitt, afirma que o “imaginário social que contribuía, pela representação de um ‘além’, para a ordenação e a legitimação das relações dos homens entre si” (SCHMITT, 1990, p. 77 *apud* BASTOS, 2007, p. 15). Isso quer dizer que, para tais sociedades, não houve ação praticada pelo homem que não estivesse totalmente desvinculada ao campo religioso, o que acarretou em um grande complexo de representações e condutas que levaram esse homem a ordenar seu universo pessoal e suas relações com o exterior.

Vale lembrar que, no que respeita ao recorte temporal, situamo-nos no período denominado Alta Idade Média. Contudo, não nos restringiremos ao século de nosso interesse, nem ao espaço central de nosso trabalho (Hispania visigoda), pois procuraremos recuar e avançar tanto temporal como espacialmente, quando for necessário, para melhor apreendermos os objetivos desta pesquisa.

Isso posto, destacamos que nosso trabalho tem como objetivo central compreender como a Igreja Católica visigoda¹ se organizou e edificou uma cultura eclesiástica própria,

¹ Utilizaremos a nomenclatura Igreja Católica, para o grupo que segue a ortodoxia de Niceia, pelo motivo de os bispos integrantes desta assim se autodenominarem. O complemento “visigoda” para a Igreja com relação à ideia apresentada por J. Le Goff, ao analisar esta instituição na Primeira Idade Média, a define assumindo características locais, de certa forma, tornando-se “Igrejas Nacionais”. Vale ressaltar que, apesar de entendermos o termo, temos restrições a essa ideia de “nacional”: LE GOFF, 1985, p. 59-62.

procurando se consolidar junto à sociedade, pelo viés do campo educacional, em um momento de aproximação com a Monarquia. Nesse processo, estabeleceram à Igreja novos parâmetros político-administrativos no reino. A formação educacional, com destaque para as escolas, foi uma das bases de consolidação da Igreja e da sua relação com outros grupos da sociedade, em especial a elite do reino.

Assim sendo, a problemática que identificamos, portanto, está atrelada, sob a ótica do episcopado, nas relações de poder no reino visigodo, principalmente no que tange à educação. Nesse sentido, entendemos que o ensino assumiu papel fundamental no discurso eclesiástico, regulando e indicando posicionamentos ao clero perante a sociedade. Entretanto, percebemos ao longo da nossa pesquisa que a historiografia que analisa esse período colocou em segundo plano esse debate, não expondo os diversos sistemas educacionais utilizados pela Igreja visigoda em sua trajetória de fortalecimento no século VII. Portanto, um dos papéis desta tese doutoral será o de tentar preencher parte desse vácuo historiográfico.

Mas, antes de nos aprofundarmos em qualquer outra discussão, cabe esclarecermos como identificamos essa “Igreja católica visigoda” ou “Igreja nacional”, para isso, faremos uso das palavras da medievalista Leila Silva:

A referência à “Igreja” no contexto dos reinos germânicos deve ser compreendida como menção a uma instituição em processo de organização. Como tal, não dispõe de unidade ou homogeneidade absoluta. Nessa linha de raciocínio, cabe sublinhar que possuía especificidades em relação aos mais diversos aspectos constituindo-se, em certo sentido, de modo singular em cada reino. Não existia, pois, uma Igreja universal, tal como a que se configurou a partir do século XI. Em contrapartida, insistimos na existência de elementos comuns às várias “Igrejas Nacionais”, como nomeou Le Goff, segundo os quais, à luz de uma tradição cultural partilhada, seu episcopado, por exemplo, atuou em uma mesma direção, adotando, inclusive, estratégias semelhantes no trabalho de cristianização desenvolvido nos vários reinos (SILVA, 2007, p. 01).

Outro termo que cabe esclarecermos é o conceito de Estado, e faremos uso da definição estabelecida por P. Pachá². Para esse historiador, o Estado visigodo era o “órgão de poder da aristocracia” e da Monarquia³ que também vem das camadas aristocráticas como o “gestor provisório do Estado” (2015, p. 64). Ou seja:

² Usaremos o conceito de Estado para caracterizar a estrutura política visigoda nos séculos VI-VII. Dessa forma, quando utilizarmos as palavras reino visigodo, estamos nos referindo à concepção de Estado definida pelo pesquisador P. Pachá.

³ Identificamos a Monarquia visigoda segundo a definição estabelecida por P. Pachá: “Monarquia, por fim, é o âmbito institucional que articula de maneira mais imediata o próprio Estado. A Monarquia apresenta-se, portanto, como o gerente provisório de uma estrutura muito mais ampla – o próprio Estado – que define seus

O Estado visigodo apresenta-se então em duas dimensões: por um lado, é o resultado das relações pessoais de dependência entre aristocracia e campesinato; por outro lado, é a forma aristocrática que retroage sobre essas mesmas relações. Sua lógica mais básica é a reprodução da dominação aristocrática sobre o campesinato – reprodução de seus pressupostos, as relações de dependência pessoal (PACHÁ, 2015, p. 65).

Em complementaridade, ressaltamos que o conceito de Estado na Alta Idade Média também foi analisado pelo autor M. J. Bastos em seu artigo *Os “reinos bárbaros”: Estados segmentários na Alta Idade Média Ocidental*. Aqui, o supracitado autor afirma que

(...) a abordagem da estruturação do Estado na Alta Idade Média Ocidental se deve a partir da consideração de sua formação no quadro das sociedades germânicas, deve também superar a perspectiva tradicional que faz decorrer o seu formato, características e tendências da evolução de uma suposta limitação étnica da gestão inconsequente derivada da incapacidade política germânica. Ao contrário, impõe-se um viés de análise que aborde suas expressões não como a de uma forma inacabada, decadente ou deformada de instituição, mas como realidades consequentes com uma determinada estruturação e vigência histórica do fenômeno estatal. É possível que decorra do vigor historiográfico da tradicional metáfora da síntese – referência “fundadora” predominante acerca da formação da civilização medieval em sua primeira “fatia de duração” - a atenção exacerbada à crise da formação estatal imperial romana no Ocidente, ao passo que se minimiza, quando não se desconsidera radicalmente, as expressões várias das transformações “políticas” que se impunham as comunidades germânicas ao longo do período. Estratificação social e cristalização de núcleos de poder foram as suas manifestações mais marcantes, e deram ensejo à constituição de chefaturas, e de proto-estados, e, enfim, de estruturas estatais segundo as referências colhidas nas obras de Tácito e, em especial, no abundante material arqueológico originário das “tumbas principescas” (BASTOS, 2009, p. 03)⁴.

Já no que tange à historiografia que se debruçou sobre a educação no reino visigodo, esse autor priorizou suas análises sobre as escolas. No geral, o ensino é ressaltado, por essa historiografia, ora de forma decadente, em comparação com o Império Romano, ora minimizando a relevância dos processos educacionais como um dos elementos de destaque nas relações de poder.

limites e possibilidades. Contudo, e essa é uma questão central, a Monarquia dispõe de uma *autonomia relativa* em sua tarefa de administração Estatal. No decorrer do século VII, essa autonomia foi estabelecida de maneira cada vez mais restrita pelo conjunto da aristocracia – i.e., pelo Estado – o que aparece na historiografia como um processo de fragmentação do próprio Estado. Contudo, ao contrário, esse processo indica seu fortalecimento. É justamente a autonomia relativa da Monarquia o pressuposto para a ocorrência de conflitos entre Monarquia e aristocracia”: PACHÁ, 2015, p. 67.

⁴ Mais sobre o conceito de Estado na Alta Idade Média, ver em: BASTOS, 2009, p. 01-10.

Entendemos aqui que a educação está relacionada intimamente não só com as letras, as ciências, as artes, a religião e a economia, mas também com as demais instituições sociais. Dessa maneira, buscaremos analisar como o ambiente do reino, no século VII, influenciou a construção das ideias políticas e educacionais do bispo Isidoro de Sevilha, pois acreditamos que esse bispo procurou estabelecer, em alguns de seus trabalhos, bem como no exercício de suas funções episcopais, uma proposta educacional direcionada para o reino visigodo. Ou seja, desenvolveu uma concepção de educação voltada para o fortalecimento da Igreja⁵.

Dessa forma, esta pesquisa busca inserir-se nas discussões historiográficas atreladas às questões político-religiosas do reino católico visigodo (589 a 711)⁶. Do ponto de vista do campo político peninsular visigodo, nossa proposta se centrará em sua fase de consolidação, que compreende o período que se estende de 589 a 636. Tais marcos cronológicos correspondem, respectivamente, à conversão oficial ao catolicismo niceísta – registrado no III Concílio de Toledo (589) – à realização do IV Concílio de Toledo (633) e à morte de Isidoro de Sevilha em 636.

Nesse contexto, a Igreja Católica buscava a sua consolidação e, para isso, procurou se fortalecer por meio tanto da expansão do número de fiéis como da formação intelectual-religiosa de seus membros. Nas duas situações eram fundamentais, além do incentivo, a produção de textos, outras criações intelectuais, como epístolas, regras monacais, sermões, hagiografias, atas conciliares, obras moralizantes que foram resultados de análises e atuações das autoridades eclesiásticas. A análise dessas produções nos deixa claro o projeto de consolidação dessa doutrina cristã (SILVA, 2007, p. 01).

Dito de outro modo, acreditamos que esse vasto material foi uma das formas utilizadas pelo episcopado no sentido de preservar e ampliar a fé cristã, bem como de interferir na reorganização do clero. Nesse sentido, Isidoro de Sevilha, por meio de alguns de seus

⁵ Cabe lembrar que entendemos Igreja neste trabalho como uma instituição de características locais, apesar de seus componentes afirmarem pertencerem a um grupo maior. Cf., RAINHA, 2007, p. 28.

⁶ Em fins do século IV ocorreu a entrada dos povos germânicos nos territórios do Império Romano Ocidental. No caso dos visigodos, estes ingressaram, nas regiões imperiais, convertidos ao arianismo. Crença herética que surgiu na Igreja primitiva em virtude dos ensinamentos do sacerdote alexandrino Ario (256-336). Em face da dificuldade teológica de combinar a divindade de Cristo com a unidade de Deus na Trindade, Ario propôs a noção segundo a qual o Filho não era coeterno com o Pai. No Concílio de Niceia (325), o debate gravitou em torno da questão de saber se o Filho era “da mesma substância” que o Pai. Atanásio liderou os adeptos do ponto de vista que se tornou ortodoxo: o Pai e o Filho eram efetivamente “da mesma substância”, o que levou à condenação do arianismo. Ario foi banido para a Ilíria e morreu às vésperas de sua reconciliação com a Igreja. Seus ensinamentos, porém, continuaram sendo muito influentes quase, segundo parece, por acidente histórico. Muitas das tribos germânicas situadas além da fronteira do Império Romano foram convertidas por missionários liderados por Wulfila, um bispo ariano, e, assim, o cristianismo ariano tornou-se a característica predominante em certo número de ostrogodos na Itália (até meados do século VI), de visigodos na Hispânia (até fins do século VI) e dos vândalos no norte da África. Ver mais em: DI BERNARDINO, A. D. (Org.), 2002, p. 149-153.

trabalhos e de sua atuação, foi um dos principais responsáveis pela construção de uma proposta de consolidação da Igreja de credo niceísta e, de igual forma, pela solidificação e normatização dessa instância de poder.

Não podemos nos esquecer de que o bispo sevilhano viveu durante um período de transformações no qual se buscava a unidade religiosa, política, legal, administrativa e de identidade do reino. Esse ambiente teve forte influência na edificação de suas ideias. Em razão de sua força e de sua riqueza intelectual e episcopal, ele exerceu preeminência sobre o reino visigodo e seus príncipes (FONTAINE, 2002, p. 99). Acrescentemos que Isidoro foi um escritor cristão que estava entre a tradição patrística e a Idade Média, cuja filosofia se qualificava pelo esforço de alcançar sabedoria e virtudes. Entretanto, consideramos que a personalidade e atividades singulares do hispalense não podem ser compreendidas sem termos presentes as circunstâncias que envolveram a sua vida e obra.

Também procuraremos analisar qual era o público que Isidoro procurava alcançar com seus escritos. E aqui temos que mencionar a obra *História da Leitura no mundo ocidental*, de Guglielmo Cavallo e Roger Chartier. Esse texto nos auxilia nessa empreitada, principalmente ao destacar que o acesso ao livro era uma coisa restrita a poucos, evidenciando as “distâncias culturais” e as “hierarquias das bibliotecas” (2002, p. 07). Esses apontamentos se enquadram no contexto visigodo, ou seja, assistimos a um seletivo grupo tendo acesso a tais objetos culturais e, por extensão, poucos tinham o conhecimento necessário para fazer uso dos mesmos.

O grande problema que se colocou a Isidoro de Sevilha e a seus contemporâneos foi saber qual caminho tomar depois da conversão. Nesse sentido, tentaremos evidenciar as principais categorias do pensamento isidoriano, como os valores intelectuais, morais, políticos e religiosos, tentando esclarecer a elaboração de uma cultura, que não podemos afirmar como inovadora, mas renovada e atualizada para o momento que tanto a Igreja como o reino estavam vivenciando.

Podemos, assim, perceber a importância crucial que a religião exerceu na vida do homem medieval e, no nosso caso, no reino visigodo, não apenas na figura de Isidoro, mas de toda a sociedade que o rodeava. O cristianismo, ainda dentro da perspectiva de Bastos (2013, p. 26), constituiu-se em ideologia da classe dominante, essa afirmação fortalece mais a nossa análise do contexto educacional proposto pela Igreja visigoda nos séculos VI-VII, pois ela era voltada para uma parcela muito pequena, composta principalmente de membros da aristocracia, e para a formação eclesial.

Desse modo, a partir dos questionamentos levantados, colocamos como um dos propósitos deste trabalho procurar analisar a complexa realidade teórica da Igreja e das outras instâncias de poder, com o intuito de obter uma visão, mesmo que aproximada, do que foi a educação no reino visigodo. Assim, cotejaremos como fontes principais os concílios visigóticos (VIVES, 1963), *Etimologias* (1982), *Sentenças* (1971) e a *Regula Monachorum* (1971) que complementam e permeiam o pensamento político e educacional de Isidoro de Sevilha, uma vez que esses trabalhos formam uma rede de interinfluências e continuidade de sua produção intelectual e atuação episcopal.

Não podemos perder de vista que as nossas fontes são de origem eclesiástica e que privilegiam essas perspectivas no sentido de que nosso propósito seja perceber a conjuntura da construção e elaboração de um modelo de ensino que condiz com os preceitos cristãos. Nesse sentido, pela própria natureza documental, isto é, fontes de cunho eclesiástico, portanto, reveladora do lado mais institucionalizado da Igreja no seu respectivo período, evidenciamos possíveis projetos e embates presentes no seio eclesiástico e social. Ao mesmo tempo, este *corpus* não ficou restrito, em seu conteúdo, apenas a matérias meramente religiosas apresentando uma característica incipiente nesse período, que seria a busca de uma intervenção, principalmente, no campo político.

Portanto, concordamos com F. Vallejo, quando esse autor afirma que podemos identificar que a obra literária medieval é um conjunto de significações que remetem a códigos de diversas naturezas (linguísticos, ideológicos, filosóficos, teológicos, sociais etc.) (VALLEJO, 1989, p. 15). Nesse sentido, procuramos ressaltar que as temáticas presentes nas fontes de natureza jurídico-religiosa e que serão analisadas nesta tese doutoral não se restringiam às questões meramente religiosas, apresentando também grande preocupação com as diretrizes jurídicas, como é o caso, a título de exemplo, dos concílios toledanos.

Apesar de ainda existirem lacunas historiográficas a serem preenchidas, acreditamos que, ao estudar o pensamento educacional de Isidoro de Sevilha, também nos depararemos com um conjunto de imagens, verbais e visuais, que uma sociedade ou um grupo, em especial, construiu para expressar seu senso comum. Nele estão contidos todos os anseios, esperanças, medos, angústias e desejos assimilados e transmitidos consciente e inconscientemente, sendo exteriorizados pela linguagem desse prelado. Assim, acreditamos que, ao desvelar as concepções pedagógicas isidorianas, revelaremos, por extensão, ideias e padrões de comportamentos individuais e coletivos dos homens da Alta Idade Média hispânica.

Como já antecipamos, a historiografia a respeito da educação no reino visigodo deixa muito a desejar. Parte dos pesquisadores que estudaram ou estudam a Alta Idade Média não se debruçaram sobre esse assunto, limitando-se apenas a fazerem breves análises. Por outra parte, abordaram a questão educacional com outros focos de discussão, literalmente esbarrando nesse campo temático. Os livros que abordam a história da educação na Idade Média são, em grande medida, ainda mais decepcionantes, pois dão “saltos” temporais, que muitas vezes vão do fim do Império Romano para o Renascimento carolíngio no século IX, ora comentando de forma sucinta os eventos vinculados a esses séculos intermediários, ora ignorando esse contexto histórico. Mas não podemos descartar por completo alguns trabalhos, mesmo que poucos, que são cruciais para entendermos a educação nos primeiros séculos do medievo, incluindo, aqui, evidentemente, o reino visigodo.

Ainda sobre as lacunas historiográficas referentes ao campo educacional Alto Medieval, ressaltamos que a cultura hispânica não ganhou o seu devido espaço frente ao desenvolvimento da cultura europeia, ao contrário, manteve-se à margem desse processo. Assim, para J. García Turza, os bispos visigodos bem como os monges irlandeses e italianos entre os séculos V e VIII se esforçaram para reunir e preservar a cultura da Antiguidade romana, mas apenas o Renascimento carolíngio ganhou os louros dessa empreitada (1999, p. 17).

Ainda de acordo com García Turza, isso se deu em virtude de a historiografia do século XIX ter colocado a Espanha na “periferia” do universo medieval. Os países que foram protagonistas nessa versão da história foram aqueles que tinham poder industrial (Inglaterra, França e Alemanha). Para o autor, o modelo econômico e social contemporâneo desses territórios foi transferido para a Idade Média, acarretando em anacronismos e distorções históricas (GARCÍA TURZA, 2000, p. 25-26).

Achamos pertinente aqui fazer uma pequena digressão na tentativa de explicar parte do desinteresse da historiografia espanhola em relação ao projeto de reconstrução da história da “grande Espanha” no final do século XIX e primórdios do XX. Para esse movimento, era mais importante valorizar elementos do Império Romano do que os vinculados aos visigodos. Tal situação não mudou muito com a incorporação de novas abordagens, a partir da segunda metade do século XX, uma vez que perdurou uma visão tradicional sobre o contexto educacional do período. Aliás, essas abordagens continuaram a ser atreladas e comparadas ao auge do império, ganhando pouco espaço nas obras de estudo visigótico (RAINHA, 2007, p.

169-170). Assim, há muito o que ser feito nesse campo para preencher as lacunas deixadas pelas gerações de historiadores espanhóis.

Cabe ressaltarmos que nossa pesquisa não teve como objetivo analisar a educação no reino visigodo a partir de uma perspectiva domiciliar e, sim, institucional. Outro ponto que cabe esclarecermos é que aquilo que Isidoro propôs em suas obras não necessariamente foi acolhido pelos diferentes grupos, pois sabemos que há amplo distanciamento entre o que o discurso eclesiástico propunha e o que era colocado em prática pela própria Igreja e pelas populações. Da mesma maneira, não temos como saber qual foi a dimensão desse ensino nas escolas do período analisado. Dessa forma, ressaltamos que nosso objetivo não será o de identificar o sucesso ou não das iniciativas educacionais de Isidoro, mas como ele idealizou esse projeto para o contexto em que ele viveu.

Já ao que tange à divisão dos capítulos desta tese, este trabalho contará com cinco capítulos nos quais buscaremos contemplar não apenas a questão educacional, mas outros âmbitos, uma vez que o campo educacional é muito amplo. Encerando-a em si mesma, não a compreenderemos em seu contexto histórico.

No primeiro capítulo há duas grandes partes, a primeira trata dos referenciais metodológicos, principalmente no que tange às ideias de Pierre Bourdieu, que adotamos para analisar a conjuntura educacional visigoda nos séculos VI-VII, e as obras de Isidoro de Sevilha. Já na segunda parte, com o título *Campo educacional na passagem da Antiguidade a Alta Idade Média*, apresentamos um breve panorama da educação no contexto da Antiguidade a partir do cristianismo e sua relação com o universo romano, além de identificarmos os principais elementos romanos e cristãos que influenciaram o desenvolvimento educacional nos últimos séculos da Antiguidade até os primeiros séculos da Idade Média, buscaremos também pontuar como alguns elementos que fazem parte do ensino se davam e se aperfeiçoaram.

O segundo capítulo, *O Reino Visigodo e Isidoro de Sevilha: um projeto de educação que se fortalece*, encontra-se dividido em duas grandes partes: na primeira, apresentamos parte do contexto histórico visigodo, com cerne principalmente nos séculos VI e VII, que é o foco de nossa pesquisa. Nessa parte também buscaremos abranger, de maneira geral, a história do reino, o que nos traz uma visão mais ampla sobre as problemáticas e anseios que envolveram Isidoro de Sevilha e a educação no reino. A segunda parte traz uma breve biografia do sevilhano, em que procuraremos nos aprofundar, principalmente, sobre as

questões referentes à sua formação e suas influências, das quais buscaremos identificar elementos que marcaram sua trajetória e suas obras.

Já no terceiro capítulo, *A Educação na Hispânia Visigoda*, pontuaremos como se deu a educação no reino visigodo. Nessa parte há várias divisões em que analisamos as distintas características da educação, tais como as escolas eclesiásticas, as escolas monásticas, as escolas paroquiais, a educação da aristocracia e a das mulheres, entre outros.

No quarto capítulo, *Isidoro de Sevilha e seu projeto de educação para o Reino Visigodo*, analisaremos a primeira das obras de Isidoro, para compreendermos seus propósitos político-educacionais, no caso, as *Etimologias*. Nesse capítulo procuraremos identificar nas *Etimologias* quais eram os saberes básicos para o hispalense, analisando principalmente o que foi denominado de *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e *Quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia), além de outros conhecimentos relacionados à educação.

E no quinto e último capítulo aferiremos sobre as duas outras obras propostas para a nossa análise, a *Regula Monachorum* e as *Sentenças*. Em cada uma delas, buscaremos identificar os elementos abordados pelo sevilhano referentes à educação, ou seja, como ele pensou a formação de clérigos e leigos e para quais objetivos ela servia. Não podemos perder de vista que nenhuma dessas obras selecionadas teve como objetivo único a educação, elas abordaram uma diversidade de assuntos, além de terem como propósito outras ambições almejadas pelo bispo.

Outras fontes que trabalhamos e que aparecem em diferentes momentos desta pesquisa são os concílios visigóticos. Para entendermos o contexto educacional, não podemos deixar de lado essa documentação, pois nela identificamos como os assuntos relacionados à formação de clérigos e leigos ocorriam, além de outras necessidades relacionadas a esse âmbito de ensino e formação. Assim, essas fontes estão disseminadas em distintas partes de nosso trabalho, pois elas são fundamentais para compreendermos como a Igreja visigoda pensava sobre a composição e instrução, principalmente de seus membros, além de outros interesses nesse âmbito.

Os principais concílios trabalhados foram os Toledanos, particularmente o II, III e IV. Cotejamos também outras assembleias conciliares. Cabe frisarmos, bem como já ressaltamos com relação às obras de Isidoro, que essas reuniões conciliares não abordavam exclusivamente a questão do ensino e da formação, mas um grande conjunto de questões religiosas e políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos olhar a educação, para Isidoro, sob um olhar bourdiesiano, ou seja, observar essa educação e esse contexto histórico, a partir de uma perspectiva mais crítica e menos romantizada, como a historiografia espanhola vem abordando essa questão. Além é claro do “esquecimento” desse assunto por parte do restante da historiografia mundial, que, quando menciona, apenas “pincela” essa temática.

O sevilhano foi um personagem singular que, como veremos mais abaixo, transcendeu sua conjuntura e projetou sua influência através do tempo. Sua história pessoal se fundiu com uma progressiva tomada de consciência de suas responsabilidades como bispo de Sevilha e como sucessor do trabalho de seu irmão, Leandro.

Usamos de forma mais intensa três obras de Isidoro de Sevilha nesta tese doutoral: As *Etimologias*, as *Sentenças* e a *Regula*. De forma extremamente sucinta vimos que as obras que trataram dos assuntos teológicos, as *Etimologias* e as *Sentenças*, apresentaram perfeita sistematização de conjunto e de elementos seriam os que apresentam o verdadeiro caráter de texto para o estudo nas escolas episcopais. Isso, em alguma medida, nos ajuda a confirmarmos o aspecto pedagógico do prelado. Sua doutrina foi uma síntese da tradição dos padres da Igreja, principalmente de duas figuras, a de Agostinho de Hipona e a do papa Gregório I.

Já a *Regula* apresenta, ao seu modo, a conduta, o modo de agir, o que podemos ariscar aqui, ou seja, o colocar em prática suas ideias. E conseguimos identificar o papel do campo da educação nessa obra por meio dos horários dedicados à leitura, das assembleias organizadas pelo abade e pelos mais idosos. Estes últimos, como vimos, eram aqueles que tinham maior capital intelectual e experiência de vida, apanágios que eram muito prezados pela sociedade medieval e pelo próprio bispo de Sevilha, que entre outras coisas ressaltava a importância dessas figuras para o processo de ensino.

Na *Regula* também foi destacado o valor das bibliotecas e dos livros. Vale lembrar que Isidoro não deixou de lado as leituras “proibidas”, que na realidade não eram interditas, mas deveriam ser utilizadas por aqueles que possuíssem mais experiência e estivessem preparados para não caírem nos pecados a que elas poderiam levar, além de outras questões que já foram expostas ao longo desta tese.

Assim, Isidoro de Sevilha, como membro da escola eclesiástica, teve um papel no campo educacional medieval. Dito de outra forma, ele visou, sem desconsiderarmos a violência simbólica e o arbitrário cultural, elevar o capital intelectual não só do clero,

tornando-o mais apto e competente para o *habitus* religioso, como também influenciar nobres e reis a mergulharem no saber cristão. Ou seja, por trás de suas obras e ações havia um projeto pastoral abrangente e intenso.

Isidoro e seus discípulos realizaram um grande esforço doutrinal com o objetivo de solucionar problemas imprescindíveis e concretos de tipo pastoral, de tal modo que construíram uma teologia tendo em conta as estruturas sociais da sociedade que os cercavam. Ou seja, seu projeto teológico e político não esteve dissociado dos problemas do cotidiano, assim, o sevilhano e seus discípulos não esqueceram que exerciam a função de pastores e que seus escritos tinham que responder quase sempre aos problemas institucionais (monges, clérigos, laicos) ou pessoas particulares (discípulo, amigo, rei etc.).

No período visigodo, foram determinados o capital social e o *habitus* clerical. Desse modo, o clérigo constituiu-se, sob a direção do bispo, na figura central da Igreja e do eixo do campo cultural. Assim, o II Concílio de Toledo (531) decretou, com o intuito de obter um bom rendimento do capital intelectual do clero, a criação de escolas episcopais com caráter de seminário.

Como vimos ao longo desta tese, as escolas episcopais, juntamente com as monásticas, propiciavam a maior parte do ensino no reino visigodo. O maior público, como percebemos, foram os de clérigos, mas não podemos esquecer que elas também foram frequentadas por uma parcela de leigos. Os núcleos de cultura, ou seja, aqueles locais de maior concentração de monastérios, escolas episcopais, bibliotecas, entrepostos comerciais, centros de importância política etc. formaram algumas das principais lideranças nos campos religioso e político da Hispânia.

Dando prosseguimento ao estabelecimento de um *habitus* clerical, ficou estabelecido no VIII Concílio de Toledo (653), mais de cem anos depois da assembleia citada no parágrafo acima, que seria obrigatório, para aqueles que pretendessem ocupar qualquer dignidade eclesiástica, conhecer plenamente o Saltério, cânones, hinos e as formas mais utilizadas de se realizar o batismo. Estabeleceu também que os ordenados que não os conhecessem deveriam se formar e aprender o que fosse necessário para exercerem as funções religiosas. Isso pressupôs que na esfera episcopal deveriam existir escolas que, para além de aprender a ler e escrever, deveriam fornecer um nível prévio de uma cultura teológica superior.

A análise de parte dos escritos do hispalense deve ser vista com o “objetivo ou razão de ser” de educar e formar clérigos e leigos, além das tentativas em preservar o conhecimento de parte da cultura clássica, como um instrumento para a sabedoria cristã. Por isso a ênfase

em muitos dos seus trabalhos e, provavelmente, também em vida, da importância da leitura, da gramática e das Sagradas Escrituras. Isto é, Isidoro deixou o caminho a ser seguido para se alcançar o conhecimento máster, que era a leitura da *Bíblia*. Depois dessas etapas iniciais é que se aprofundaria o restante da formação.

Assim, ficou-nos claro que o papel exercido por ele foi o de um pastor, um monge e um bispo, que tinha olhos não apenas para as questões religiosas, mas também para o campo político, sempre visando aos interesses e fortalecimento da Igreja hispânica. Igualmente visava à preparação dos homens para o reino de Deus, que, para ele, acercava-se. O mundo era controlado por Deus, assim, para compreendê-lo e nele viver, segundo os preceitos divinos, tinha que se entender e assimilar a palavra de Deus nas Sagradas Escrituras.

Contudo, se voltarmos nossas atenções para as preocupações e para a atuação direta de Isidoro de Sevilha junto aos interesses da Igreja, perceberemos que, em termos de resultado, não houve muitos avanços em seus objetivos. Em outras palavras, vemos que os problemas de má formação do clero continuaram evidentes, ou seja, apesar de todo intento do prelado de Sevilha, o baixo capital intelectual dos clérigos (e não só deles) continuou a ser um problema.

Sabemos que estamos lidando com uma Igreja e uma sociedade que, em sua grande maioria, era analfabeta e estava longe de ter acesso a esse sistema que era o ensino. Mas não podemos deixar de expor que, apesar dessa realidade, houve elevada produção de obras. Segundo o levantamento de títulos, autores e promulgações conciliares, com as suas respectivas fontes, realizado por Díaz y Díaz, na sua obra *Index* (1958), o século VI produziu 70 títulos. Já, no século VII a somatória é bem maior, 310 obras. Enquanto que no século VIII o número conta apenas com 62 exemplares. O século IX produziu 117 produções e, por fim, a décima centúria que conta com X 135 obras.

É evidente que houve maior elaboração de obras no século VII em comparação aos demais, mas diante desses dados podemos concluir que esse período se difere dos demais, pois, como percebemos ao longo desta tese, Isidoro e tantos outros nomes contribuíram muito para que esse contexto se diferenciasse dos demais na produção cultural e, por extensão, o campo educacional esteve diretamente atrelado a esses resultados.

Não poderíamos deixar de discutir, mesmo que brevemente, nesta tese o legado educacional deixado por Isidoro de Sevilha. Para termos uma ideia geral, a influência desse prelado ultrapassou os limites ibéricos, pois sabemos que Alcuíno foi, no reino Franco, encarregado por Carlos Magno de reorganizar o campo educacional do reino. Nesse espaço

ele fundou escolas e fez planos, tendo como base a implantação do *habitus* educacional empregado pelo sevilhano (QUILES, 1965, p. 100).

Porém, vale lembrar que, apoiados nos apontamentos de Riché (1962), a maior parte das obras de Isidoro não obteve repercussão entre seus contemporâneos. Elas começam a ganhar notoriedade e ampla difusão apenas com o renascimento carolíngio no século IX. A partir daí ganharam destaque como referências no campo da educação medieval, chegando até a Idade Moderna. Um dos fatores que explicam o impacto das obras de Isidoro, desde a Alta Idade Média até os dias atuais, é o interesse demonstrado por ele pelo campo cultural – no sentido amplo, isto é, não apenas a eclesiástica mas também a clássica.

Como vimos acima, a disseminação das obras de Isidoro viria a atingir as regiões francas, sobretudo em função da invasão árabe, que levou grande número da população peninsular a atravessar os Pirineus. O hispalense extrapolaria, assim, a sua realidade e a sua região, e algumas de suas ideias adquiriram, a partir de então, papel relevante na organização do campo cultural carolíngio.

A reforma do Estado e da Igreja, promovida pelo Império Carolíngio, buscou uma nova ordem que se pareceria muito com aquela já buscada e obtida pela Monarquia visigoda. Em outros termos, o restabelecimento da ordem tanto no campo religioso como no político, obtido por meio da unidade e estabilidade desses dois campos a partir, sobretudo, da forte aliança entre a realeza e a Igreja. Dada essa analogia entre as duas conjunturas históricas e as obras de Isidoro, suas concepções acerca da política e de sua organização poderiam servir tão bem ao reino carolíngio quanto serviram ao visigodo.

A título de exemplo, quando comparamos o capital intelectual ao cultural da realeza visigoda e merovíngia, portanto em um contexto anterior à reforma cultural carolíngia, podemos perceber o quão distante tais indivíduos estavam na questão educacional. Em outras palavras, os reis visigodos, na Corte de Toledo, cultivavam a gramática, a retórica, as ciências naturais e a história, enquanto que os reis merovíngios sabiam a duras penas escrever seus nomes.

Uma explicação possível para isso se assenta, em partes, pela ‘conversão tardia’ visigoda ao cristianismo, quando comparado aos outros reinos germânicos. Ou seja, o retardamento da realização de tal fato permitiu um florescimento cultural que somente foi interrompido pelos árabes. Vale lembrar que houve, na Hispânia, uma diáspora de intelectuais cristão, mas, por outro lado, um despertar dos estudos em todo o Ocidente.

Nesse sentido, está explícito que a leitura das obras de Isidoro não ficou restrita apenas ao reino franco. O bispo de Sevilha foi lido por toda parte, e, a título de exemplo, citamos aqui os monges irlandeses. Estes últimos, segundo Ronaldo Amaral (2008, p. 47), optaram por Isidoro de Sevilha por questões ligadas não só ao campo religioso, mas também ao campo linguístico. Dito de outro modo, utilizaram o prelado hispalense em virtude de sua relevância pedagógica e teológica, pois seu latim e sua clara didática linguística colaboraram para que os monges de língua celta se familiarizassem com o latim (AMARAL, 2008, p. 47).

Vale lembrar também que o cânone 24 do IV Concílio de Toledo, no qual nos debruçamos diversas vezes ao longo deste trabalho, ecoou ao longo da Idade Média, especialmente quando se tratava da formação clerical. Ele foi usado como base pelo Concílio de Trento (1545-1563), quando esta assembleia tratou da instituição da Igreja dos denominados seminários clericais. Segundo Martín Hernández, o supracitado concílio reutilizou a ideia que já era aplicada na Hispânia visigoda dando-lhe uma “nova réplica” nas fundações sacerdotais dos séculos XV e XVI. O fator que levou à utilização desse cânon foi a preocupação com os adolescentes que, para os padrões da época, estavam em uma idade perigosa caso não tivessem referências a sua instrução literária e científica (1970, p. 85).

Outro ponto que foi propagado, geográfica e temporalmente, a partir das leituras das obras de Isidoro foi a concepção de magistério exercido por ele. Dessa forma, para Pablo C. Díaz,

Sua obra enciclopédica foi pedra angular na cultura europeia medieval; antes de acabar o século VII suas *Etimologias* já haviam chegado ao norte da Europa, especialmente a Irlanda, onde passou para a Britânia alcançando sensivelmente a obra de autores como Beda. Por terra em seguida chegou a Gália e norte da Itália, influenciando profundamente o renascimento carolíngio, onde Carlos Magno assumiria plenamente seu conceito de Monarquia. A primeira cópia ilustrada das *Etimologias* parece ter se realizado em Fulda (centro da Alemanha) em torno de 844, onde assim mesmo foi objeto de iniciada tradução ao antigo alto alemão. Curiosamente, Isidoro nunca manifestou interesse de enviar seus escritos para fora do entorno imediato para ao qual ele produziu, entre Sevilha e Toledo, onde ele desenvolveu toda a sua carreira eclesiástica e intelectual (...). Isidoro em nenhum momento demonstrou o desejo nem intenção de mudar-se (DÍAZ, 2006, p. 725-726).

Até o ano 800 podiam-se encontrar as ETI em quase todos os centros culturais da Europa, bem como imitações ou fragmentos, exemplares conservados ou apenas a referência nas bibliotecas (GARCÍA TURZA, 2000, p. 29).

É também pelo período visigótico o primeiro *ordo* sobre a forma litúrgica de celebração de um concílio. Este *ordo* terá uma longa sobrevivência na história da Igreja Ocidental. Quase todos os conselhos e ordenações mais tarde foram baseados em sua estrutura e autoridade, até o Concílio Vaticano II (1962-1965) usou as regras litúrgicas, estabelecidas pelo IV Concílio de Toledo de 633 (LEDESMA, 2004, p. 255).

Isidoro foi, para o seu tempo e para a posteridade, uma figura de grande destaque, apesar de ter em alguns momentos posicionamentos contraditórios, o que não desconsidera a importância que essa personagem teve para a Idade Média. Assim, destacamos as palavras de Manuel C. Díaz y Díaz na apresentação da obra *San Isidoro: doctor de las Españas*:

Isidoro se converteu em luz e farol da Hispânia: logo se tornou o ponto ardente e a fonte viva de todo saber posterior. Ainda hoje, quando nossos conhecimentos avançam gigantescamente, o doutor hispalense reserva não poucas surpresas para todo aquele que se cerca dele. E, provavelmente, seguirá iluminando novas épocas, a que viveu e as que seguem (DÍAZ Y DÍAZ, 2003, p. 11).

Apesar de reconhecermos que nesse período houve florescimento cultural, não podemos deixar de lado o olhar crítico que a historiografia espanhola denominou de “Renascimento isidoriano” ou o “século de ouro”. Como evidenciamos, mais acima, é indiscutível que foi um período de grande produção, não apenas quantitativamente, mas também na qualidade e não estamos nos restringindo apenas à produção isidoriana, mas à de tantos outros prelados do período. Contudo, e aqui nos restringiremos à produção isidoriana, vale lembrar, em primeiro lugar, que ela não foi inovadora.

Isidoro foi, portanto, um excelente compilador, prática que sabemos ser comum e não problemática para a época, mas o que estamos querendo dizer, e temos uma historiografia mais recente que nos dá esse embasamento, é que o prelado fez uso dessa prática, reunindo ideias de duas grandes fontes: o mundo clássico e o patrístico. Apesar disso, não podemos negar a importância e relevância dessa figura para seu tempo e para a posteridade. Isidoro foi um homem de seu tempo e que fazia parte da aristocracia, por isso seus objetivos foram focados, principalmente, em prol desse grupo. Tanto que a estrutura, ou como podemos denominar de currículo básico, da educação foram o *Trivium* e o *Quadrivium*, além de outros conhecimentos oriundos da Antiguidade.

Vimos que ele destacou o papel do *Trivium* no campo educacional. Não acreditamos que tenha sido uma escolha aleatória, mas que tinha forte peso para o fortalecimento e futuro da Igreja, pois por meio desses saberes vinculados aos campos da gramática, retórica e

dialética Isidoro e a Igreja puderam contar com clérigos e leigos que tivessem acesso ao conhecimento da leitura e, assim, do principal livro, a *Bíblia*. Além é claro da possibilidade de realizarem outras leituras como os Saltérios, Hagiografias, Sermões, Atas conciliares, Leis etc.

Assim, o conhecimento da gramática era o “passo” inicial para se alcançar qualquer outro saber. Já a retórica e a dialética tinham a função da eloquência, do bem argumentar, do persuadir, da oratória, do diálogo, do debate, elementos que deveriam estar presentes no processo de fortalecimento da Igreja e, principalmente, daqueles que ocupavam funções de liderança, como era o caso dos bispos e dos abades. Além, é claro, dos leigos que assumiriam funções administrativas, postos de chefia ou mesmo aqueles que subiriam ao trono, para os quais era fundamental a noção de tal instrução e erudição.

Mas não podemos esquecer que o domínio desses campos científicos também era necessário para as celebrações, notadamente para o convencimento e arrebanhamento de fiéis. Também era útil nas assembleias, que ocorriam nos mosteiros, e nos concílios em que eram discutidos assuntos dos mais diversos, bem como nas relações mestre-discípulo, entre tantas outras práticas.

Por isso essas três disciplinas tornaram-se o cerne do saber, o alicerce para se chegar às outras áreas das artes liberais que era o *Quadrivium*. Porém, ressaltamos que, pela forma como o sevilhano expôs, o campo científico fundamental e indispensável era o *Trivium*.

Para além disso, e para finalizar, não podemos perder de vista que, ancorados nos direcionamentos teóricos de Bourdieu, os saberes e conteúdos curriculares propagados e ensinados pelo sistema de ensino cristão medieval, portanto enquadrados como cultura legítima, são parte integrante do arbitrário cultural dominante. Também não podemos esquecer que a competência pedagógica, isto é, a legitimidade dos estabelecimentos de ensino clerical e da ação pedagógica que nela se efetuava somente pode ser efetiva tendo em vista que a natureza arbitrária e socialmente imposta pela cultura escolar seja eclipsada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

ISIDORO DE SEVILHA. *Etymologiarum*. Ed. Lindsay. Traducción de J. O. Reta e M. AM. Casquero. Madrid: BAC, V. I e II, 1982.

_____. *Regula Monachorum*. Ed. Bilingue (Latim-Espanhol) de J. de Campos e I. Roca. *Santos Españoles*. 2v. Madrid: BAC, 1971, V. 2, pp. 79-125.

_____. *Sententiarum*. Ed. Bilingue (Latim-Espanhol) de J. de Campos e I. Roca. *Santos Españoles*. 2v. Madrid: BAC, 1971, V. 2, pp. 226-525.

VIVES, J. *Concilios visigóticos e hispano-romanos*. Ed. bilíngüe (latim-espanhol), Barcelona-Madrid: CSIC, 1963.

Fontes secundárias

AMBROSE. *Select Works and Letters. On the duties of the clergy*. Translated by Romestin. In: SCHAFF, P. (Ed.) *A select library of the nicene postnicene fathers of the christian church*. Second series. Buffalo: The Christian Literature Co., 1886-1890. V. 10, pp. 28-234.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

CONCILES GAULOIS DU IV SIÈCLE. In: MUNIER, C. Introdução, tradução e notas por Jean Gaudemet. *Sources Chrétiennes*. N. 241, Paris, CERF, 1977.

INSTITUTIONUM DISCIPLINAE: Programa Educativo para um nobre godo (texto e tradução). In: SÁNCHEZ PRIETO, A. B. *Las Institutionum disciplinae: Programa educativo para un noble godo*. In: *Ideales de Formación en la Historia de la educación*. Madrid: Editorial Dykinson, 2008, pp. 102-104.

ISIDORO DE SEVILHA. *De viris Illustribus*. Ed. critica de C. Cordero Merino. Salamanca, CSIC, 1964.

JERÔNIMO. *Epistolário*. Ed. Bilingüe (Latim-Espanhol) introdução e notas por Juan Bautista Valero. Madrid: BAC, 1993.

LEANDRO DE SEVILHA. Regra de San Leandro. In: RUIZ, J. C.; ISMAEL, R. M. *Reglas monásticas de la España Visigoda. Los tres libros de las "Sentencias"*. Madrid: BAC, 1971. pp. 21-76.

SÃO BENTO. *Regra*. São Paulo: Grafa, 2004.

Dicionários

CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A. HEY, A. P. e *et al.* *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DI BERNARDINO, A. D. (Org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidade Cristã*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Referências

ABBAGNANO, N; VISALBERGHI, A. *Historia de la Pedagogía*. España: Fondo de la Cultura Económica, 1992.

AGUILERA, A. B. *La sociedad visigoda y su entorno histórico*. Madrid: XXI siglo veintiuno de España, 1992.

AMARAL, R. *Hagiografia e vida monástica. O eremitismo como ideal monástico na Vita Sancti Fructuosi*. Assis, Tese (doutorado em História Social), Faculdade de História. Universidade Estadual Paulista, 2006.

_____. *Educação e as relações mestre-discipulares no reino visigodo: um estudo referenciado nas epístolas dos bispos Bráulio de Saragoça e Isidoro de Sevilha*. Rio de Janeiro, Tese (doutorado em História Comparada), UFRJ, 2013.

_____. Isidoro de Sevilha – Natureza e valoração de sua cultura pela Hispânia tardo antiga. In: *Brathair*, n°8 (1), 2008, pp. 40-49.

_____. Saber e Educação na Antiguidade Tardia: os Padres monásticos e eclesiásticos diante da cultura-greco-romana. In: *Mirabilia 6 – A educação e a cultura laica na Idade Média*. 2006, pp. 09-19.

ANDRADE FILHO, R. de O. A historiografia da Hispânia visigoda. In: *Signum*, São Paulo, ABREM, N°2, 2000, pp. 191-203.

_____. *O Reino Visigodo Católico (séculos VI-VIII): Cristianização ou Conversão?* *Politeia* v.5, n.1, 2005, pp. 91-101.

ANDRADE, M. L. C. V. O. Poder e persuasão no discurso religioso medieval. In: *Domínios de Língu@gem – Revista Eletrônica de Lingüística*. Ano 1, n° 1, 2007, pp.01-10.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBERO, A; VIGIL, M. *La formación del feudalismo en la Península Ibérica*. Barcelona: Editorial Crítica, 1978.

BASTOS, M. J. da M. *Assim na Terra como no céu...Paganismo, cristianismo, senhores e camponeses na Alta Idade Média Ibérica (séculos IV-VIII)*. São Paulo: EDUSP, 2013.

_____. Igreja e sociedade na Península Ibérica (séculos IV/VIII). In: *Anais do VI Encontro de Estudos Medievais*. Vol II. Londrina: 2007, pp. 15-25.

_____. Os Reinos Bárbaros: Estados Segmentários na Alta Idade Média Ocidental. In: *Bulletin du Centre d'études médiévales d'Auxerre*, 2, HS, 2009, p. 01-10.

_____. Santidade, Hierarquia e Dependência na Alta Idade Média. In: *História Revista*. Goiânia, v. 11, n. 1, jan/jun. 2006. pp. 135-160.

BLOCH, M. *Os reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOBBIO, N. *A teoria das formas de governo*. Brasília: UNB, 1980.

BORGES, R. F. As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha. In: *Roda da Fortuna – Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*. V. 1, n° 1, 2012, pp. 158-182.

BOURDIEU, P.; PASSERON, Jean-Claude; *La reproduction. Eléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Editions de Minuit, 1970.

BOURDIEU, P. *A economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *A economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro/RJ: Livraria Francisco Alves, 1992.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012.

BRITO, A. de J. A Mathematica na obra de Isidoro de Sevilha. In: MARTINS, R. A; MARTINS, L. A. C. P; SILVA, C. C; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004, pp. 64-73.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: *História da vida privada – Do Império Romano ao ano mil*. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 225-300.

_____. *O fim do mundo clássico – De marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BURKE, P. *História e teoria social*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CABRERA VALVERDE, J. M. San Isidoro de Sevilla: Puente entre la Antigüedad y la Edad Media. In: *Filología y Lingüística XXII*, (2), 1996, pp. 203-213.

CAMPOS, A. Escolas Monásticas. In: *Identidade e Diferença no nascimento da Universidade*. Rio de Janeiro e-papers, 2001, pp. 137-144.

CAMPOS RUIZ, J.; ROCA MELIA, I. Introducción a la “Regla de San Isidoro”. In: *Reglas monásticas de la España Visigoda. Los tres libros de las “Sentencias”*. Madrid: BAC, 1971. pp. 79-89.

CASTELLANOS, S. *Los godos y la cruz – Recaredo y la unidad de Spania*. Madrid: Alianza, 2007.

CASTRO, D. Modelos bíblicos para reyes visigodos: un estudio a partir de las sentencias de Isidoro de Sevilla. In: *Espacio, Tiempo y Forma. Serie III Historia medieval*, 28, 2015, pp. 255-273.

CAVALLO, G; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental – 1*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Entre *volumen e códex*: a leitura no mundo romano. In: *História da leitura no mundo ocidental – 1*. São Paulo: Ática, 2002, pp. 71-102.

CODOÑER MERINO, C. El mundo cultural de Isidoro de Sevilla. In: *Isidoro Doctor Hispaniae*. Sevilla, León, Cartagena: Ministerio de educación y deporte, Universidad de Sevilla, 2002.

COLLINS, R. *La España visigoda, 409-711*. Barcelona: Crítica, 2005.

COSTA, R. A educação Infantil na Idade Média. In: *Revista VIDETUR*, 17. Porto: Ed. Mandruvá, 2002, p. 13-20.

COUTROUT, A. Religião e Política. In: RÉMOND, R. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Gétulio Vargas, 1996, pp. 331-363.

CRUZ, M. Virtudes romanas e valores cristãos: um estudo acerca da Ética e da Política na antiguidade Tardia. In: DE BONI, L. A. (Org.) *Idade Média: ética e política*. Porto Alegre: Coleção Filosofia 38, 1996, pp. 21-39.

DE CASSASGNE, I. *Valorización y educación del niño en la Edad Media*. pp. 19-30, s/d, <www.uca.edu.ar>.

DELL'ELICINE, E. As funções da liturgia no Reino Visigodo de Toledo (589-711). In: *Signum*. São Paulo: ABREM, N° 7, 2005, pp. 99-128.

_____. Discurso, gesto y comunicación en la liturgia visigoda (589-711). In: *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre/BUCEMA*. Hors-série n°2, 2008, pp. 01-23.

_____. Si queremos evitar la ira divina: Impacto y vicissitudes del proyecto eclesiológico de Isidoro de Sevilla (c. 630-c.690). In: *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie III Historia medieval, 24, 2011, pp. 69-90.

_____. Trabajando para el Pueblo de Dios: palavra, ley y clero en el pensamiento de Isidoro de Sevilla (600-636). In: *História Revista*, Goiânia, v. 17, 2012, pp. 51-68.

DIAS, P. B. A *regvla* como gênero literário específico da literatura monástica. *Hvmanitas*, v. 50, 1998, pp. 311-335.

DÍAZ, P. C. El cristianismo y los pueblos germánicos. In: *Historia del cristianismo. I. El mundo antiguo*. Granada: Editorial Trotta, 2006, pp. 687-757.

DÍAZ y DÍAZ, M. C. Alguns aspectos lingüísticos y culturales de las pizarras visigóticas. In: *Myrtia: Revista de Filologia Clásica de la Universidad de Murcia*. Año I, Vol. 1, 1986, pp. 13-25.

_____. Introducción general. In: ISIDORO DE SEVILLA. *Etymologiarum*. Ed. Lindsay. Traducción de J. O. Reta e M. AM. Casquero. Madrid: BAC, V. I, 1982.

_____. *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*. Salamanca: Tomo XIII, 1958.

_____. La obra literaria de los obispos visigóticos toledanos: Supuestos y circunstancias. In: *La Patrologia Toledana – Visigoda: XXVII semana española de teología*. Madrid: CSIC, 1970, pp. 45-63.

_____. Isidoro el hombre. In: *Isidoro Doctor Hispaniae*. Sevilla, León, Cartagena: Ministerio de educación y deporte, Universidad de Sevilla, 2002.

DÍAZ MARTÍNEZ, P. C. Integración cultural y atención social en el monacato visigodo. In: *4 Monográfico: Jornadas internacionales "Los visigodos y su mundo"*. Ateneo de Madrid, 1990.

DINIZ, R. de C. D. Considerações acerca da ação do episcopado peninsular no processo de consolidação da identidade godo-cristã no século VII. In: *Atas da VI Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, pp. 137-142.

DOMINGUEZ DEL VAL, U. Características de la Patrística Hispana en Siglo VII. In: *La Patrologia Toledana – Visigoda: XXVII semana española de teología*. Madrid: CSIC, 1970, pp. 05-36.

_____. Cultura y teología en la España visigoda. In: *Salmanticensis*. Vol. 17, 1970, pp. 581-612.

FELDMAN, S. A. A dimensão do saber em Isidoro de Sevilha. *Notandum* (USP), v. 21, pp. 13-21, 2009.

_____. A ética e a concepção religiosa de Isidoro de Sevilla: o “Livro das Sentenças”. In: *VI Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Anais. Londrina: ABREM/UEL/UEM, 2005, pp. 255-265.

_____. A *Fide Catholica* de Isidoro de Sevilha: a polêmica antijudaica. In: *História Revista*: Goiânia, V. 12, n. 2, 2007, pp. 365-384.

_____. Entre Deus e o Diabo: Isidoro de Sevilha e o “livro das Sentenças”. In: *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. Anais da XXIII Reunião Curitiba, 2003, pp. 157-162.

_____. Isidoro de Sevilha: Um projeto educacional numa era de transição. In: *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. Anais da XXIV Reunião. Curitiba, 2004, pp. 359-364.

FERNÁNDEZ ALONSO, J. *La cura pastoral en la España romanovisigoda*. Roma: Instituto Español de Estudios Eclesiásticos, 1955.

FERRÁNDIZ ARAUJO, C. Isidoro de Sevilla. In: GONZALEZ FERNÁNDEZ, J. (Coord.). *San Isidoro: doctor de las Españas*. Sevilla: Caja Duero; León: Fundación Cajamurcia; Cartagena: Fundación El Monte, 2003. pp. 09-42.

FONTAINE, J. *Isidoro de Sevilla: Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Encuentro, 2002.

FRIGHETTO, R. *A comunidade vence o Indivíduo: A Regra Monástica de Isidoro de Isidoro de Sevilha (Século VII)*. Curitiba: Prismas, 2016.

_____. A Regra monástica de Isidoro de Sevilha e a questão dos limites entre as províncias eclesiásticas na *Baetica* Hispano-visigoda (séculos VII). In: *Tiempo y Espacio 14*. Chile: Depto. Ciencias Sociales, 2004, pp. 31-42.

_____. *Cultura e Poder na Antigüidade Tardia Ocidental*. Curitiba: Juruá, 2000.

_____. La comunidade monástica como sinónimo de sabiduría y santidad: los cenobitas y la regla monástica de Isidoro de Sevilla (siglo VII). In: *Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segreti"*. Córdoba (Argentina), ano 14, n°14, 2014, pp. 145-155.

_____. Política e Poder na Antigüidade Tardia: Uma abordagem possível. In: *Revista História: Universidade de Goiás*. Goiânia, V. 11, N° 1, jan/jun. 2006, pp. 161-177.

_____. Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério de Bierzo (*Hispania*, século VII). In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, N° 05, setembro, 2010, pp. 71-84.

GARCÍA DE CORTÁZAR, J. A. *História de España. 2. La época medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

GARCÍA Y GARCÍA, A. De las escuelas visigóticas a las bajomedievales. Punto de vista histórico-jurídico. Semana de Estudios Medievales. La enseñanza en la Edad Media, 10, Najera, 1999. In: *Atas...Gobierno de La Rioja*. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000, pp. 39-59.

GARCÍA LÓPEZ, J. *Noción y división de la filosofía en San Isidoro de Sevilla*. An. Univ. Múrcia, 39, 1980-1981, pp. 43-46.

GARCÍA MORENO, L. A. Los monjes y monasterios en las Españas tardorromanas y visigodas. In: *HABIS* 24, 1993, pp. 179-192.

GARCIA TURZA, J. La transmisión cultural Hispana y el renacimiento carolingio. Semana de Estudos Medievales. La enseñanza en la Edad Media, 10, Najera, 1999. In: *Atas...Gobierno de La Rioja*. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000, pp. 17-38.

GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GODOY, C., VILELLA, J. De la fides gótica a la ortodoxia nicena: inicio de la teología política visigótica. In: *Antigüedad y cristianismo: monografías históricas sobre la antigüedad tardía – Los visigodos. Historia y civilización*. Atas da Semana Internacional de Estudos Visigóticos - Murcia, 1986, pp. 117-144.

GREIN, E. Religiosidade e Cultura literária na Hispânia em época Visigoda: um estudo a partir do pensamento de Isidoro de Sevilha. In: *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.1, nº2 jan-jun, 2012, pp. 17-32.

GUICHARD, P; CUVILLIER, J-P. A Europa Bárbara. In: *História da Família – Tempos medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1986, pp. 09-63.

GURIÉVICH, A. *Las categorías de la cultura medieval*. Madrid: Taurus Humanidades, 1984.

HOMET, R. *Los viejos e la vejez en la Edad Media: Sociedade e imaginário*. Rosário: PUC – Argentina, 1997.

KING, P. *Derecho y sociedad en el reino visigodo*. Madrid, Alianza, 1981.

LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Portugal: Estampa, 1994.

_____. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: edições 70, 1985.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LEDESMA, J. P. L. C. Las raíces cristianas de Hispania visigoda. In: *Alpha Omega*, VII, n. 2, 2004, pp. 243-270.

LOZANO SEBASTIAN, F.-J. *San Isidoro y la filosofía clásica*. Leon: Isidoriana-Editorial, 1982.

MARKUS, R. A. *O fim do cristianismo antigo*. São Paulo: Paulus, 1997.

MARROU, H.-I. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: E.P.U. 1975.

MARTINEZ, D. G. *Los Concilios de Toledo*. Anales toledanos V. III – estudos sobre la España visigoda. Toledo: Disputación provincial, 1971, pp. 119-138.

MARTÍNEZ GÁZQUEZ. Sobre el origen Hispano-visigodo de las *Institutionum Disciplinae*. Faventia, N° 1, Fasc. 1, 1979, pp. 35-46.

MARTIN HERNANDEZ, F. Escuelas de Formación del Clero en la España visigoda. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teología*, 27. Madrid: CSIC, 1970, pp. 65-100.

MARTÍN, J. C. La cultura literaria latina en Hispania en el 700. In: *Zona Arqueologica*, 15, 2011, pp.51-77.

MARTÍN PRIETO, P. Isidoro de Sevilla frente a los límites del conocimiento: Etimología, Astrología, Magia. In: *Temas Medievales*, 13, pp. 125-156.

MELO, J. J. P. A educação, em Santo Agostinho. In: *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Ed. UEM, 2002, pp. 65-78.

MICHELETTE, P. T. *A concepção de realeza católica visigoda e as ideias políticas de Isidoro de Sevilha*. Dissertação (Mestrado em História). FCL – UNESP/Assis, Assis, 2012.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M.. *Bourdieu e a educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

NUNES, R. A. C. *História da Educação na Antiguidade Cristã: O pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo*. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

_____. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

OLIVEIRA, A. da S. de. *A construção idealizada do monge no reino visigodo de Toledo na primeira metade do século VII: um estudo comparado das regras monásticas de Isidoro de Sevilha e Frutuoso de Braga*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ORLANDIS, J. *Historia del Reino Visigodo Español*. Madrid: Rialp, S. A., 1988.

PACHÁ, P. H. de C. *Estado e Relações de Dependência Pessoal no Reino Visigodo de Toledo (Séculos VI-VII)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.

PARKES, M. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: *História da leitura no mundo ocidental – I*. São Paulo: Ática, 2002, pp. 103-122.

PÉREZ DE URBEL, J. *San Isidoro de Sevilla. Su vida, su obra y su tiempo*. León: Labor, 1995.

_____. *Los monjes españoles en la Edad Media*. Madrid: Ediciones Ancla, 1945.

QUILES, I. S. I. *San Isidoro de Sevilla, Biografía-Escritos-Doctrina*. Madrid: Espasa – Calpe, 1965.

RAINHA, R. dos S. *A educação no Reino Visigodo – as relações de poder e o epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631-651)*. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2007.

_____. A relação mestre-discípulo nos escritos de Idelfonso de Toledo (657-667). In: *Encontro regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro, 2010, pp. 01-08.

_____. Considerações sobre as escolas no reino visigodo na primeira metade do século VII. In: *Mouseion*, V. 1, n. 2, Jul.-Dez., 2007, pp. 168-181.

_____. Considerações sobre o Papel do Idoso no Episcopado Visigodo na Hispânia no século VII: o epistolário de Bráulio de Saragoça. In: *Brathair* 15 (2), 2015, pp. 168-185.

_____. Uma introdução sobre o conceito de educação na historiografia medieval: o exemplo do reino visigodo no século VII. In: *História, imagem e narrativas* N° 6, ano 3, abril/2008, pp. 1-14.

RECAREDO GARCIA, B. *Espiritualidad y 'Lectio Divina' en las Sententias de San Isidoro de Sevilla*. Zamora: Monte Casino, 1980.

RIBEIRO, D. V. O pensamento político de Isidoro de Sevilha. In: *Estudos Ibero-Americanos*, V. XV, n°2, PUC-RS, 1989, pp. 347-355.

_____. Realeza cristã e ideologia na Alta Idade Média. pp. 1-33, p. 8, no prelo.

RICHÉ, P. *Education et Culture dans L'occident Barbare*. Paris: Du Seuil, 1962.

_____. L'éducation à l'époque wisigothique: les *institutiones disciplinae*. In: *Anales Toledanos, III Estudios sobre la España visigoda*. Toledo, 1971, pp. 171-180.

ROUCHE, M. Alta Idade Média. In: *História da vida privada – Do Império Romano ao ano mil*. V. 1. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, pp. 399-530.

RUCQUOI, A. Éducation et société dans la Péninsule ibérique médiévale. In: *Histoire de l'éducation*, n°69, 1996, pp. 03-36.

_____. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

SAYAS ABENGOCHEA, J. J; GARCÍA MORENO, L. A. *Romanismo y germanismo el despertar de los pueblos hispánicos (siglos IV-X)*. Barcelona: Editorial Labor, 1982.

SÁNCHEZ PRIETO, A. B. Aprender a ler y escribir antes del año mil. In: *Estudios sobre Educación*. V. 18, 2010, pp. 59-81.

_____. Bibliotheca Wisigothica. In: *VIII Jornadas científicas sobre documentación de la Hispania altomedieval: (siglos VI-X)*. Madrid: 2009, pp. 263-290.

_____. La educación de la mujer antes del año 1000. ¿es Dhuoda um caso único? In: *Educación XXI*. Madrid: UNED, N° 2, 2010, pp. 69-94.

_____. Las *Institutionum disciplinae*: Programa educativo para un noble godó. In: *Ideales de Formación em la Historia de la educación*. Madrid: Editorial Dykinson, 2008, pp. 87-104.

SÁNCHEZ SALON, E. A cultura en los Monasterios Visigóticos. In: *Codex aquilarensis: Cuadernos de investigación del Monasterios de Santa Maria la Real*. N. 3, 1990, pp. 23-40.

SILVA, L. R. Algumas considerações acerca do poder episcopal nos centros urbanos hispánicos – século V ao VII. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba: Editora UFPR, n. 37, 2002, pp. 67-84.

_____. Episcopado e relações de poder nos *De Ecclesiasticis Officiis e Sententiarum Libri Tres* de Isidoro de Sevilha. In: *Acta Scientiarum*. Maringá, V. 36, N. 2, 2014, pp. 181-187.

_____. O discurso eclesiástico e a marginalidade: considerações sobre normas de conduta cristã nos *Synonymorum libri duo e Sententiarum libri* de Isidoro de Sevilha. In: *Cultura e Educação. Ética e Ação Política na Antiguidade e na Idade Média*. Vitória da Conquista: EUSB, 2007, pp. 311-321.

SOTOMAYOR, M. Las relaciones Iglesia urbana-Iglesia rural en los concilios Hispano-romanos y visigodos. In: *Sacralidade y Arqueologia*. Antig. Cris., Murcia, N° 21, 2004, pp. 525-539.

TEIXEIRA, I. S. O intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise. In: *Revista Diálogos Mediterrâneos*, N° 7, Dezembro, 2014, pp. 155-165.

THOMPSON, E. A. *Los Godos en España*. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

UDAONDO PUERTO, F. J. El sistema escolar en la Hispania visigoda: El ejemplo de Valerio del Bierzo. In: *Helmática*, Vol. LIV, 2003, pp. 01-44.

URBEL, P. *San Isidoro de Sevilla. Su vida, su obra y su tiempo*. León: Labor, 1995.

VALLEJO, F. B. *la hagiografía como género literario en la Edad Media*. Oviedo, Series Mayor 2, 1989.

VELASQUEZ SORIANO, I. Ambitos y ambientes de la cultura escrita en Hispania (s. VI): De Martín de Braga a Leandro de Sevilla. In: *Studia Ephemeridis Augustinianum*, Roma, N° 46, 1994, pp. 329-351.

_____. *Las pizarras visigodas. Edición crítica y estudio*. Murcia: Universidad de Murcia, 1989.

_____. *De constrvctione: Lengua y literatura técnica en las Etimologías de Isidoro de Sevilla (a propósito de unos trabajos recientes de Montero Cartelle 2001 y 2003)*. In: *Sacralidade y Arqueología. Antig. Crist. Murcia XXI*, 2004a, pp. 203-235.

_____. *Formación de palabras en las Etimologías de Isidoro de Sevilla: un reflejo de la lengua viva de su época*. In: *Aemilianense I*, Murcia, 2004b, pp. 601-663.

VALVERDE CASTRO, M. R. *Ideología, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.

VENTURA, F. S. Reflexiones sobre las causas de la intervencion bizantina en la Peninsula. In: *Antigüedad y cristianismo: monografías historicas sobre la antigüedad tardia – Los visigodos. Historia y civilización*. Atas da Semana Internacional de Estudos Visigóticos - Murcia, 1986, pp. 69-73.